

ESTUDIOS NEOGRIEGOS

BOLETÍN DE LA SOCIEDAD HISPÁNICA
DE ESTUDIOS NEOGRIEGOS

ISSN: 1137-7003

Diciembre 2003

Anexo 1



SOCIEDAD HISPÁNICA DE ESTUDIOS NEOGRIEGOS
País Vasco 2003

ESTUDIOS NEOGRIEGOS

BOLETÍN DE LA SOCIEDAD HISPÁNICA
DE ESTUDIOS NEOGRIEGOS

Diciembre 2003

Anexo 1



SOCIEDAD HISPÁNICA DE ESTUDIOS NEOGRIEGOS
País Vasco 2003

INDICE

INTRODUCCIÓN	5
PROGRAMA	7
1. OS MITOS DE HÉRCULES E DE ULISES NA LITERATURA PORTUGUESA, <i>Antonio Manuel de Andrade Moniz</i>	9
2. A GRÉCIA ANTIGA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA O LEGADO GREGO, <i>M^a Leonor Santa Bárbara</i>	27
3. MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL: CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA HISTÓRIA CULTURAL DO HELENISMO, <i>José Antonio Costa Ideias</i>	33
4. LA LEYENDA DE PÍRAMO Y TISBE EN EL TEATRO CRE-TENSE DEL RENACIMIENTO, <i>Olga Omatos Saez</i>	41
5. DEL GRIEGO ANTIGUO AL MODERNO, <i>Antonio Melero Bellido</i>	53
6. TRADICIÓN, TRANSMISIÓN Y VERSIONES: POR UNA EDI-CIÓN SINÓPTICA EXPERIMENTAL DE TODOS LOS TESTIMO-NIOS GRIEGOS DEL “DIYENÍS ACRITIS”, <i>Javier Alonso Aldama</i>	69
7. MOTIVOS DE LA ANTIGÜEDAD EN LOS ALBORES DE LA DRAMATURGIA NEOHELÉNICA, <i>Susana Lugo Mirón</i>	85
8. DEL GRIEGO ANTIGUO AL MODERNO: PLANTEAMIENTOS PARA LA GRAMATICALIZACIÓN DE UNA LENGUA, <i>Isabel García Gálvez</i>	103

OS MITOS DE HÉRCULES E DE ULISSES NA LITERATURA PORTUGUESA

António Manuel de Andrade Moniz
Universidade Nova de Lisboa (UNL)

Introdução

Vários são os mitos clássicos transmitidos na Literatura Portuguesa, desde a Idade Média até à actualidade. Todos eles evidenciam uma clara filiação da cultura portuguesa, como a europeia e ocidental, em geral, na tradição greco-romana, inspiradora da matriz de valores dessa configuração mental e cultural.

Entre tais mitos ocupam, sem dúvida, lugar especial os de Hércules (ou Hércules, conforme a tradição latina) e de Ulisses, respectivamente representativos dos ciclos dos Argonautas e de Tróia.

A ligação entre os dois mitos é expressiva dos arquétipos da Cultura Clássica, para além do enraizamento ibérico que testemunham enquanto mitos de fundação e de libertação.

1. O Mito de Hércules

O primeiro testemunho de transmissão do mito de Hércules é registado na versão portuguesa da *Crónica Geral de Espanha (1344)*, atribuída ao Conde de Barcelos, D. Pedro Afonso.

Depois de assinalar as fontes escritas do trabalho colector de Afonso X, o Sábio¹, tal texto situa explicitamente entre os começos da fundação de Espanha “as batalhas que o grande Hercoles de Grecia fezera contra os Espanhooes”². Este é o epónimo que mais se distingue pelos seus feitos épicos, como conquistador e povoador: “o hom que mais feytos assiinados fez em Spanha aquella sazom, ho h u por conquistar as terras e o al em poboandoas”³.

¹ «Porende el rey dom Affonso de Castella, que foy filho del rey dõ Fernãdo e da raiynha dona Beatriz, mandou ajuntar quãtos livros pode aver das estorias antigas em que alg as cousas fossen escriptas dos feytos d’Espanha. E tomou primeiram te da Crónica do arcebispo do Rodrigo e de dom Luchas, o bispo de Tuy, e de Paulo Orosio e de Lucano e de Santo Isidoro, o Mãcebo, e de Dacio, o bispo de Galiza, e de Sylpicio, o bispo de Gasconha; e tomou os escriptos de cõçelhos de Tolledo e de dõ Jordam, chãceler do Santo Paaçõ, e de Clauyo Tollomeu, que departio do circo da terra melhor que outro saybho ataa a sua sazom, e de Dyom, que screveo verdadeiramente a estoria dos Godos, e de Pompeo Troga; e catou outrossy quãtas estorias de Roma pode aver que alg as cousas contassem dos feitos d’Espanha; e cõpos este livro de todos os feitos que della pode achar, cõv a saber, dello tempo de Noe ataa o tempo deste rey dom Affonso” (*Crónica Geral d’ Espanha (1344)*, Ed. de L.F. Lindley Cintra, vol. II, Lisboa, 1954, “Prólogo”, pp. 6-7).

² *Ib.*, p. 7.

³ *Ib.*, p. 15.

Antes de narrar tais feitos, identificam-se três homónimos, sendo “o grande Hércules” o terceiro: “o qual fez muitos e grandes e famosos feytos dos quaaes todo o mundo fallou, este foy muy grãde, muy ligeiro, muy valente mais que outro homen; e deste fallarom todos os sabedores que composeron estorias nas quaaes screverom os grandes feytos que elle fez per o m do”⁴. O próprio étimo do epónimo é descodificado a partir dos elementos *es* e *elleos*, com o significado de “bathalhador honrrado e acabado em força e lide”⁵. Segue-se a identificação da sua linhagem (“filho del rey Jupiter e de Almena, molher de Afflitiam”⁶) e a história da sua criação junto de Euristeu, por ordem de Juno, bem como a punição vindicativa da deusa, a partir dos “doze trabalhos” ou provas que lhe infligiu, citados a partir da fonte ovidiana: morte do javali, na Arcádia; morte do touro de Creta; morte dos três leões, no monte Partémio e na Selva Némea; morte da serpente ou hidra de sete cabeças, da lagoa de Lerna; a perseguição dos ladrões de Cremona; a perseguição das Harpias; morte de Diomedes, rei da Trácia; vitória sobre os Centauros; vitória sobre as Amazonas; vitória sobre os filhos de Neleu, filho de Zatumo; vitória sobre Aquelóo e sobre Anteu, rei da Líbia; colheita das maçãs de ouro no jardim das Hespérides. Outras façanhas são assinaladas, como a demanda do velo de ouro, na Cólquida, com Jasão e os outros argonautas; a primeira destruição de Tróia; e vitória sobre Lacedemónia.

A história da chegada de Hércules a Espanha é localizada após a execução destes doze trabalhos, a partir do Norte de África, através do mar Mediterrâneo, viagem que realizou em dez naus. No local onde aportou, Cádiz⁷, ergueu uma torre fundacional, no cimo da qual colocou uma imagem de cobre, com os símbolos da sua identidade: “tiinha na mão deestra h a grande chave, semelhante que queria abryr porta, e a mão seestra tiinha alçada e tenduda contra ouriente e tiinha scripto na palma: ‘Estes som os majões de Hercolles’”⁸. O símbolo da chave que abre as portas do Oriente europeu ao seu Extremo ocidental é, assim, devidamente associado ao símbolo do epónimo grego: os *majões* ou *malhões* (clava, espada, arco e flecha, couraça e peplo) com que se desembarçou dos seus inimigos. Híspalis, a actual Sevilha, é, então, descoberta, mas ainda não povoada, feito que é assinalado com um padrão de mármore, ostentando as epígrafes: “Aqy sera poboada h a grande cidade” e “Ataa aqy chegou Hercolles”⁹.

A seguir a Cádiz e Sevilha, Hércules aporta em Lisboa, topónimo que é referido como sendo fundado por um neto de Ulisses, homónimo do avô, e por sua

⁴ *Ib.*, p. 17.

⁵ *Ib.*

⁶ *Ib.*

⁷ Cf. nota 6 da pg. 20: “Grades *L Calez sobre rasura P Grandez UQ Caliz Pr. Crón.*”

⁸ *Id.*, p. 20.

⁹ *Ib.*

filha, chamada *Boa*, a qual “ajuntou h a parte do nome de seu padre ao seu e poslhe nome Lixboa”¹⁰. Aí, o herói grego recebe uma carta dos habitantes de Entre Tejo e Douro, dominados pelo tirano Gedeão¹¹, solicitando--lhe, com grande efusão lírica e epítetos épicos, a sua intervenção libertadora:

“Oo grande e muy famoso Hercolles, começador e acabador dos grandes feytos! Oo hom forte e ligeyro e piadoso, envyado dos deusses eternaes pera destroyr os cruees e sem piedade e livrar os que som em prema e servydon de tiranos! Tu, que tantos boos feytos fezeste as tirados tantos hom es de servydom dos maaos senhorios, rogamoste que acorras a nos que gravemente somos atorm tados mão de forte tirão e, ou per teus rogos ou per bondade de teu corpo, sejamos livrados. E, se o teu muy nobre esforço reger o teu ligeyro e bem manhoso corpo de viires com Gedeon batalha e o vençeres, nos te obedeceremos cõ toda a terra sem contenda”¹².

A despeito da sua força gigantesca, o carácter bondoso e justiceiro do herói é relevado neste texto, numa implícita analogia com o Messias, libertador dos oprimidos e castigador dos arrogantes, conforme o retrato configurado no Cântico evangélico¹³: “Ca, ão embargando que Hercolles era do linhajen dos gigantes e muy forte, pero ão era cruel nem de maaos senhorio; ante era muy piadoso aos bõos e mui bravo e forte aos maaos, como aquel que nom era viindo pello mundo por outra cousa se ão por destroyr os sobervosos e maaos e defender os bõos e humyldosos. E, quãdo vyo as querellas daquellas gentes, doendosse delles, foyse pera allo”¹⁴.

Na óptica do inimigo, o herói também é encarado como “persiguydor dos grandes e poderosos e achegador dos viis e reffeces”, mas tal missão é completamente subvertida, sendo ele apresentado como “buscador de todo mal aos que n ca to mereceron”, julgamento que é ditado pelo despeito de quem se vê na iminência de ser desafiado ao combate e nele encontrar a derrota: “e esto fazes com grande emcuberta por te averem por bõo; mas a tua maldade conhecida he! Sey que es viindo em estas partes oucidentaaes por tomares a terra daquelles que n ca te mal fezeron e averes della o senhorio pera ty. E, antre os outros destas partes, trages a my sempre ante os teus olhos pera me fazeres segundo deseja a tua maa entençom, sendo enduzido dos meus servos que tu recebiste em tua guarda”¹⁵.

¹⁰ *Ib.* P. 22.

¹¹ “Este Gedeon era muy poderoso e homem forte e muy valente e de grande ligeirice, em tanto que per força avya tomada essa terra de que era senhor e todos lhe davã a meatade de quanto avyam e ainda dos filhos; e os que lhe esto ão queriam dar, matavaos. E por esta razon era muy mal quiste de todas as gentes da terra. Mas elles, por que nom achavã nem h u que os delle quisesse n podesse deffender, porem ão se ousavã contra elle levantar” (*Ib.*).

¹² *Ib.*, p.23.

¹³ “Deposuit potentes de sede et exaltavit humiles” (*Lc.*, I, 52).

¹⁴ *Ib.*, p.23.

¹⁵ *Ib.*, p.23-24.

A arrogância de Gedeão, traduzida na ridicularização dos combates de Hércules com as feras e as Amazonas¹⁶, impulsiona a solidariedade dos companheiros do herói. A batalha, travada na Galiza, durou quatro dias, ao fim dos quais “venceuho Hercolles e cortoulhe a cabeça e mandou logo em aquelle logar fazer h a muy grande torre e fez meter a cabeça de Gedeom no fundam nto della”¹⁷. O símbolo da derrota do tirano é, assim, constituído em alicerce fundacional do topónimo da Corunha.

Outros topónimos são associados à fundação herculana, como os da Corunha, nome da primeira mulher que a povoou (*Crunha*), de Badajoz (*Badalhouce*, de *Baylhos Doces*), de Toledo¹⁸, *Hyspalis* (actual Sevilha)¹⁹, Tarragona (da proveniência dos colonos de *Tiran* e de *Anssona*) e Barcelona (de *Barca Nona*, porque deixara em Cádiz as restantes oito barcas que trouxera da Grécia)²⁰. O próprio nome *Hispania* é apresentado como oriundo da antropónimo *Espam*, sobrinho de Hércules²¹. Da mudança de nome do rio *Ancia* em *Augua de Dyana* provém o topónimo da província da Lusitânia, em homenagem àquela deusa greco-romana²².

Recolhendo a lição plautina do nascimento do herói grego, Camões consagra-lhe a comédia *Auto dos Anfitriões*, no que será seguido, no século XVIII, por António José da Silva, O Judeu.

Em Camões, a burlesca aventura de Júpiter é sublimada pelo nascimento do grande herói, que ele próprio anuncia. Afinal, “às vezes grandes tristezas / Parem grandes alegrias”. E o que parecia o acto indigno do pai dos deuses mais não é do que uma generosa dádiva divina: “Quis-me vestir em teu gesto, / Por honrar tua geração”:

“Tua mulher parirá
Um filho de mim gerado,
Que Hércules se chamará,
O mais valente e esforçado,

¹⁶ “E nõ te poderiyam em esto valler os encantamentos de dona Juno n os feytiços de Media, molher de teu companheyro Jaason. E, se desto te contentas, eu te aguardarey onde tu quiseres, ca nõ penses fazer esta batalha com molheres fracas ou bestas feras sem saber ca eu te farey dizer per tua boca que n ca achaste força outra batalha” (*Ib.*, p. 24).

¹⁷ *Ib.*, p. 25.

¹⁸ Cf. *Ib.*, p. 26.

¹⁹ Cf. *Ib.*, p. 28.

²⁰ Cf. *Ib.*, p. 29.

²¹ Cf. *Ib.*, p. 30.

²² “E, por que lhe semelhou aquella terra boa pera lavrar e cryar gaados e pera caçar con aves e com cãaes, morou em ella h a grande sazõ. E fez hi sacrificio a Dyana e seus trebelhos e grandes allegrias por que vencera Gedeon e cobrara toda a terra de que elle era senhor. E pobrou em aquelle logar onde esto fez h a cidade mui boa e pose-lhe nome Baylhos doces; mas despois, per alongamento dos tempos, cõrrompeusse o bocavollo e chamaronlhe Badalhouce. E, por aquelles jogos e trebelhos que elle ally fez, dizem que pos nome aa terra Lusitanyã que quer tanto dizer em nossa linguagen como jogos de Dyana” (*Ib.*, p. 25).

Que no mundo se achará.
 Com este, teus sucessores
 Se honrarão de ser teus;
 E dar-lhe-ão os escritores,
 Por doze trabalhos seus,
 Doze milhões de louvores”²³.

Em virtude desta sublimação, Anfitrião não só é interpelado a compreender o sucedido, como se torna devedor de gratidão ao autor da proeza, já que a História se encarregará de o enaltecer, juntamente com o futuro herói, justificando-se, deste modo, a parca referência do autor a tão celebrado epónimo:

“E dessa ilustre fadiga Colherás mui rico fruto.
 Enfim, a razão me obriga
 Que tão pouco dele me diga,
 Porque o tempo dirá muito”²⁴.

Na ópera de António José da Silva, *O Judeu, o Coro*, no início e no fim da peça, responsabiliza o “cego furor” pelo acto de Júpiter, despeitado pelo desprezo de “Alcmena ingrata”:

“O Númen supremo
 do Olimpo sagrado
 suspira abrasado
 de um cego furor.
 Que pasmo! Que assombro!
 Que voe tão alto
 a seta do amor!”²⁵.

O pai dos deuses, depois de se autorresponsabilizar pelo acto cometido²⁶, desculpabiliza Alcmena²⁷, legitimando tão leviano “passatempo” com o nascimento do divino Hércules:

²³ *Auto dos Anfitriões de Camões*, Apresentação crítica, estabelecimento do texto, notas e sugestões para análise literária de Clara Rocha, Lisboa, Editorial Comunicação, 1981, pp.108-109.

²⁴ *Ib.*, p.109.

²⁵ “Anfitrião ou Júpiter e Alcmena”, in *Obras Completas*, vol. II, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1958, pp. 97. 223.

²⁶ “Sabei que Jove sou omnipotente / que, abrasado de amor da bela Alcmena, / vendo ser impossível o alcançá-la, tomei de Anfitrião a forma humana, / com a qual disfarçado entre vós outros, / este dia passei” (*Ib.* p..221).

²⁷ “[...] e, pois Alcmena / como humana não pode / resistir a um divino impulso ardente, / ficará perdoada, sem que tenha ofensa nisso Anfitrião valente, / pois desse passatempo que aqui tive / Hércules nascerá” (*Ib.*).

“pois desse passatempo que aqui tive
Hércules nascerá, a cujo esforço
rendido cederá todo o Universo,
pagando nesta forma
este engano de amor, esta violência,
em dar-lhe tão divina descendência”²⁸.

Mas é no poema épico *Os Lusíadas* que Camões espraia as várias facetas de um dos mais célebres heróis arquetípicos da condição humana. Designado como “filho de Almena”²⁹, mas também com o patronímico Alcides, derivado do nome de seu avô Alceu, significando “força física”³⁰, com o aposto *Tebano*, devido ao seu nascimento ocasional em Tebas, já que a sua família era da Argólida³¹, e, ainda, com o locativo *Tirintio*, do local onde foi criado (Tirinto), nunca é chamado com o antropónimo grego *Héracles*, como, de resto, é timbre da tradição mitológica latina, adoptada no Renascimento, nome que significa “glória de Hera” e corresponde à imposição da sibila Pítia como penitência pelo assassinio, ainda que involuntário, dos filhos que tivera com Mégara, razão que também se atribui como explicativa dos “Doze Trabalhos” que teve de enfrentar e vencer, símbolo das provações da existência humana. Destes trabalhos, executados sob as ordens de seu primo Euristeu³², o poema épico referencia a morte do leão de Némea (“Cleoneu”, de Cleona), dos pássaros do lago Estínfalo (“Harpías duras”), do javali (“Porco”) Erimanto, da Hidra de Lerna (“Hidra brava”), a descida aos Infernos para de lá trazer o cão Cérbero (“Descer, enfim, às sombras de Dite a Estige leva”)³³, a colheita das maçãs de ouro (prenda de casamento de Geia, a Terra, pelo casamento de Zeus com Hera), no jardim das Hespérides, onde eram guardadas pelas ninfas da Tarde, indicador do monte Atlas³⁴, para onde se dirigiu, através do estreito de Gibraltar que abriu (“Donde Hércules ao mar abriu caminho”³⁵) “e ali parece / Que quer fechar o mar Mediterrâneo / Onde o sabido estreito se enobrece / Co extremo trabalho do Tebano”³⁶; “Do Herculano Calpe à Cáspia serra”³⁷, “Pera dentro das

²⁸ *Ib.*

²⁹ *Os Lus.*, III, 141:3.

³⁰ *Os Lus.*, III, 137:8, IV, 49:4, 80:2; IX, 57:3.

³¹ *Os Lus.*, III, 18:4; IX, 91:6.

³² *Os Lus.*, IV, 80:2.

³³ *Os Lus.*, IV, 80 (sonho profético de D. Manuel I).

³⁴ *Os Lus.*, IV, 55:2.

³⁵ *Os Lus.*, VI, 1:8.

³⁶ *Os Lus.*, III, 18:1-4.

³⁷ *Os Lus.*, III, 23:6.

portas Herculanas”³⁸; “Que antigamente os Tírios habitavam / Trazendo por insígnias verdadeiras / As Hercúleas colunas nas bandeiras”³⁹, “pera onde Alcides pôs a extrema meta”⁴⁰. Estes trabalhos, considerados no poema como um castigo infligido pelo “vagabundo” (no sentido etimológico, isto é, errante pelo mundo) “Alcides”, são objecto de comparação com os castigos de D. Pedro I aos “ladrões”⁴¹. Apesar da exaltação do herói grego, o poema não deixa de referir a sua paixão homossexual por Ônfale como uma fraqueza comparável à da paixão do rei português D. Fernando por D. Leonor Teles⁴².

2. O Mito de Ulisses

Se o mito de Hércules está, sobretudo, patente nos primórdios da Literatura Portuguesa (Idade Média e época clássica), o de Ulisses irradia e prolifera em todas as épocas, designadamente o século XX.

No *IV Livro de Linhagens*, o Conde de Barcelos, ao evocar as lendas do ciclo troiano, não pode deixar de aludir à figura de Ulisses e à sua importante função na vitória dos Gregos sobre os Troianos.

A tradição do mito ulisseico da fundação de Lisboa é já registada nas crónicas dos cruzados ingleses Osberno⁴³ e Arnulfo⁴⁴ que ajudaram D. Afonso Henriques

³⁸ *Os Lus.*, IX, 21:8.

³⁹ *Os Lus.*, IV, 9: 6-8.

⁴⁰ *Os Lus.*, IV, 49:4.

⁴¹ *Os Lus.*, III, 137.

⁴² *Os Lus.*, III, 141.

⁴³ “A septentrione fluminis est civitas Lyxibona in cacumine montis rotundi, cujus muri gradatim descendentes, ad ripam fluminis Tagi solum muro intercluso pertingunt. Sub nostro adventu opulentissima totius Affricae et magnae partis Europae com meatibus. Est autem sita super montem Artabrum... oceano Atlantico et occasu terminatis ibidem. Quo ab Ulixee oppidum Ulyxibona conditum creditur” (A Norte do rio, fica a cidade de Lisboa, no alto de um monte redondo, cujas muralhas, descendo gradualmente, atingem a margem do rio Tejo, que é separado apenas pelas muralhas. Quando lá chegámos, era no comércio a mais rica em relação a toda a África e a uma grande parte da Europa. Está construída sobre o monte Ártabro... no termo do oceano Atlântico e do Ocidente. Por isso, crê-se que a cidade de Lisboa foi fundada por Ulisses - Osberno, “Crucesignati anglici epistola de expugnatione olisiponis”, in Júlio Castilho, *Conquista de Lisboa aos Mouros (1147), Narrações pelos Cruzados Osberno e Arnulfo, testemunhas presenciais do cerco*, Vol. II, Lisboa, 1936, p. 50.

⁴⁴ “[...] navegantes, et alveum fluminis, qui Tagus dicitur, intrantes secunda die, apud Ulixisbonam in vigilia apostolorum Petri et Pauli appulimus. Quae civitas, sicut tradunt historiae Sarracenorum, ab Ulixee post excidium Trojae condita, mirabili structura tam murorum quam turrium super montem humanis viribus insuperabilis, fundata est” (no segundo dia de viagem, entrámos no leito de um rio que se chama Tejo, e ancorámos em Lisboa, na vigília dos apóstolos Pedro e Paulo. Esta cidade, como narram as crónicas dos Sarracenos, foi fundada sobre um monte por Ulisses, depois da queda de Tróia, e é invencível pelas forças humanas na estrutura das suas muralhas e torres - “Epistola Arnulfi ad Mi-

na tomada de Lisboa aos Mouros. Ambos descrevem, com base em Solino, a cidade de Lisboa, com suas muralhas inexpugnáveis e o seu empório comercial, acrescentando o segundo as fontes sarracenas, como a *Crónica do Mouro Rasis*, certamente inspiradas nos geógrafos gregos e latinos. De modo análogo, a versão portuguesa da *Crónica Geral de Espanha* (1344) confirma tal mito, ao mesmo tempo que fala da continuação da obra de Ulisses pela filha⁴⁵, omitindo a carta de Penélope ao esposo⁴⁶, que o obriga a sair do envolvimento com Circe, como a versão castelhana havia apresentado⁴⁷.

A obra *Vincentius Levita et Martyr*, editada em 1545, em latim, constitui, no entanto, o ponto de referência obrigatório do mito ulisseico de Lisboa. Enquadrado no episódio da trasladação das relíquias do mártir de Valença para a futura capital portuguesa, viagem marítima acompanhados por dois corvos protectores, *ex-libris* do município, tal mito, por um processo narrativo de encaixe, explora a origem dessa cidade, a partir do navegador grego, no regresso da guerra de Tróia⁴⁸. Localizado entre a Serra da Lua (Sintra) e as colinas barbáricas (Arrábida), o porto seduz pelo *locus amoenus* (“caeli faciem sine nube serenam”) e a fertilidade dos campos (“rura uidebat / Morigera”), abrigando a frota do rigoroso Inverno⁴⁹. O

lonem Episcopum”, in Júlio de Castilho, *op. cit.*, p.114).

⁴⁵ “E dizem algũns que este logar foi pobrado despois que Troya foi destroyda a segunda vez e que começou de pobrar h u neto de Ulixes que avya esse mesmo nome Ulixes como o avoo; e que este morreo ante que fosse acabada de pobrar e que mandou a h a sua filha que avya nome Boa que a acabasse; e que ella a acabou e que, depois que foy acabada, que a ajuntou h a parte do nome de seu padre ao seu e pos-lhe nome Lixboa” (*Crónica Geral de Espanha*, ed. De L.F. Lindley Cintra, vol. II, Lisboa, 1954, p. 22.

⁴⁶ Cf. Ovídio, *Heroides*, Ep. I. Cf. Mário Martins, *Estados de Cultura Medieval*, Lisboa, 1983, p. 86.

⁴⁷ “E por que le semejo aquel lugar mejor que los que el fasta ally havia fallados, tomo deste su nombre Ulixes y este outro bona, y ayuntando-los y fiso dende uno y pusole aquella çibdad que fasie y llabola Ulixbonna”.

⁴⁸ “Oceano uero praeter Menelaon, Olysses,/turbine uentorum adpulsus, quo flexa receptat/terra sinu pelagus, Lunae alta cacumina montis/inter, et insigneis Leneo et Palladae colles/Barbarios, deflexit iter portumque preendit.” (Já no Oceano, ao ultrapassar Menelau, Ulisses foi impelido pelo turbilhão dos ventos para onde a terra se desdobra e o recebe num golfo de mar, entre os alto s cumes da Serra da Lua e as colinas barbáricas, celebradas por Leneu e Palas, desviou-se de rumo e tomou o porto- André de Resende, *Vincentius Levita et Martyr*, ed. De J.V.Pina Martins, Braga, 1981, *Liber Posterior*, 38-40).

⁴⁹ “Intima deinde sinus cunctosque celoce recessus/explorans, captusque loco, nam rura uidebat/morigera et caeli faciem sine nube serenam/ostiaque alta Tagi inque uicem certamen aquarum / amnis ubi frustra luctatur Tethyos undis./Nam uiolenta sali postquam se colligit ira,/moleque consurgens tumidos exsuscitat aestus,/ flumen agit refluum, longeque per arua refundit. Ad socios tandem redit, et subducere classem/imperat atque hyemem portu contemnere saeuam” (Explorando depois num batel as profundidades do porto e todos as suas sinuosidades, foi seduzido pelo lugar, pois ele via campos férteis e a face serena do céu sem nuvens, a embo-cadura alta do Tejo e o combate incessante das águas no sitio onde o rio luta contra as ondas de Tétis; luta vã, pois, urna vez que ele se mistura com a água salgada com terrível cólera e faz levantar grossos redemoinhos com toda a sua massa, o mar avança e faz recuar o rio e inundar profundamente as terras. Volta, enfim, aos companheiros; manda-os abrigar a frota no porto para desprezarem o rigoroso Inverno - *Id.*, *ib.*, 41-45).

contacto cultural com os nativos permite comparar as respectivas línguas, já que eles descendiam de Luso, filho de Dioniso, motivo de aproximação cultural que permitia ao estrangeiro construir a cidade⁵⁰. O templo consagrado à sua deusa protectora, Palas Atena, de acordo com a tradição homérica, revela bem o significado cultural para os padrões humanistas da tutela sapiencial de uma das cidades mais cosmopolitas do Renascimento, logo mais abertas à multiculturalidade⁵¹. De acordo com Estrabão, os símbolos do naufrágio, como esporões da armada, e dos despojos de guerra, como escudos dos Troianos, são votivamente depositados no templo⁵². Como registo de memória para a posteridade, a inscrição aposta refere a aventura heróica da errância ao longo do Mediterrâneo, a consagração do templo em homenagem à vitória sobre Tróia e a denominação da cidade cuja fama se tornou mundialmente conhecida com o nome do seu fundador: *Odisseia*⁵³. A identificação pessoal do fundador com a cidade fundada é tão íntima que nela desejaria viver até ao fim dos seus dias se o amor da esposa, da pátria e do filho e a solicitude com o pai o não chamassem ao regresso pátrio⁵⁴.

É neste contexto que surge o neologismo resendiano que inspirou a Camões o título do seu poema épico, o patronímico *Lusiadas*. Em face da família amada e do exílio, a pobreza e a riqueza, mesmo a de Crespo, rei da Lídia, de que nos fala Heródoto, são relativizadas como questões de menor importância⁵⁵.

⁵⁰ “Indigenasque sibi uario sermone peritus/deuinxit. Nam lingua fere communis et illis, ut Dionysaei ductis ab origine Lusi,/inuenta est, urbisque locum, si condere uellet./auxiliumque dabant faciles” (E com um discurso diversificado o hábil (Ulisses) submeteu a si os nativos. Na verdade, verificou-se que a alíngua é quase comum a eles, visto que eram descendentes de Luso, filho de Dioniso, e se quisesse, poderiam oferecer-lhe um lugar para construir a cidade, com a sua ajuda - *Id., ib.*, 43-47).

⁵¹ “Tum cura Mineruae/dux Laërtæ satus, coitum exorante caterua./admonituque Deae, condit sibi moenia parua/colle super, templumque tibi Tritonia uirgo”. (Então, graças à solicitude de Minera, o chefe, filho de Laertes, a pedido dos companheiros e a conselho da deusa, constrói sobre uma colina pequenas muralhas e vota-te um templo a ti, Minerva, *Id., ib.*, 44-45).

⁵² “Signaque naufragii suspendit, aplustria classi/rostraque et insigneis Troum gestamina parmas./Palladis Phrygibus./Si uictis Ithacensis Olysses/dedicat haec” (e suspende os signos do naufrágio: esporões e ornatos de popa da armada e os insignes escudos trazidos pelos Troianos, *Id., ib.*, 46).

⁵³ “Erroresque suos illic, Asiaeque ruinas/Venturis posito signauit carmine seclis,/Palladi de Phrygibus uictis Ithacensis Olysses/Dedicat haec urbemque suo de nomine primum/Finxit Odysseam, quae nunc clarissima toto/Cognita in orbe, ducem fama super astra pelasgum/Tollit” (Aí assinalou para o futuro as suas viagens e a derrota da Ásia com a inscrição: Ulisses de Ítaca consagra este templo a Palas em memória da derrota dos Troianos; e criou pela primeira vez com o seu o nome o da cidade Odisseia, que agora é conhecida no mundo inteiro como a mais ilustre e a fama levanta o chefe dos Pelasgos acima dos astros, *Id., ib.*, 46-47).

⁵⁴ “Ea poterat securus uiuere Olysses/Inter Lusiadas, nisi amor reuocasset amatae/Coniugis, et patriae, gnatique, et cura parentis” (“Nela poderia Ulisses viver seguro entre os Lusiadas e o não chamassem o amor da esposa, da pátria e do seu filho e o seu cuidado com o pai - 47-48).

⁵⁵ “Cum quibus est homini paupertas dulcior ipsa,/quam quot habet Lybiae latissima iugera, seu quot/

Na *Oratio Pro Rostris*, pronunciada na Universidade de Lisboa em 1533, três anos antes da sua transferência para Coimbra, André de Resende, depois de contraditar Lourenço Valla quanto à etimologia do topónimo Lisboa⁵⁶, transcreve os passos assinalados do seu poema, concluindo: “Hae de uestrae urbis conditione, quamquam rudi carmine, decantata a nobis sunt, sicut et eius claritudinem laudesque, multis aliis carminibus et locis testati sumus”⁵⁷. Tal canto⁵⁸, segundo o humanista, necessita de ser secundado pela reforma dos estudos liberais, como neste discurso já havia preconizado⁵⁹.

Em 1554, Damião de Góis faz-se eco do mito ulisseico na obra de André de Resende: as suas fontes, os seus elementos constitutivos. Apesar de não se atrever a afirmar com a certeza documental cara ao historiador a veracidade histórica da

Croesus diuitias olim, uel denique si cui/Copia rerum alii maior fuit, exsul et orbus/Dum modo cogatur patria non uiuere terra” (Com os quais é mais doce ao homem a própria pobreza do que a posse de vastíssimas jeiras da Líbia ou das riquezas de Cresos ou, enfim, urna ainda maior abundância de bens, numa situação de exilado e só, em terra que não seja a sua pátria- 48-49).

⁵⁶ “Nam quod Vallensis de nominis ethymo argutatur, quod non scribatur per .Y. psilon, quasi ab Ulysse adcepta priore parte nominis, sed per iota, et duplex .PP., quasi από των ἴππων, id est, ab equis vento genitis, ego, ut de .Y. psilo et iota facile illi concedo, ita de duplice .PP. non adsentior. (Quanto aos argumentos que Valla retira da etimologia do seu nome, que não se escrevia com upsilon, como o princípio de um nome retirado de Ulisses, mas com iota e dois P como se viesse de ἴππων, quer dizer de cavalos nascidos do vento, pessoalmente se eu lhe concedo sem dificuldade o upsilon e o iota, não concordo com ele quanto aos dois P.) - André de Resende, “Oratio Pro Rostris”, in Odette Sauvage, *L’Itinéraire Érasmien d’ André de Resende (1500-1573)*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971, p. 132.

⁵⁷ “Foi assim que, embora em rude poema, cu cantei a fundação da vossa cidade, assim como testemunhei a celebridade e os seus louvores em muitos outros poemas e outras circunstâncias” *Id., ib.*, p. 136.

⁵⁸ “Digna profecto academia talibus uiris, digna tali academia urbs est Olisipo, ciuium Romanorum quondam municipium, cui Juliae Felicitatis cognomen fuit, auctore Plinio, et passim heic marmora inueniuntur in quibus saepe scriptum uidere est, FELICITAS IULIA OLISIPO. Olisipo inquam, quae una nostro aeuo Romanam gloriam et triumphos adaequauit. Regina uasti Oceani, superba Mauritaniae, Atlantidis orae, Aethiopiae, Arabiae, Persidis, Indiae, Taprobanae, et innumerabilium insularum domitrix, quam Dius Ulisses Troiana urbis euersor, inter uarios errores suos condidit, ut Strabo et Solinus auctores sunt” - Na verdade, esta universidade é digna de tais homens e Lisboa é digna de urna taala universidade: outrora, enquanto município de cidadãos romanos, ela recebeu o cognome de **Felicidade Júlia**, segundo a autoridade de Plínio, bem como de testemunhos encontrados nos mármores, nos quais muitas vezes se pode ler a inscrição FELICITAS IULIA OLISIPO. Digo Lisboa, porque só ela no nosso tempo atingiu a glória e os triunfos romanos. Rainha do vasto Oceano, soberba dominadora da Mauritânia, das costas do Atlântico, da Etiópia, da Arábia, da Pérsia, da Índia, da Taprobana e de inúmeras ilhas, ela foi fundada pelo divino Ulisses, destruidor de Tróia, no momento de seu percurso errante: Estrabão e Solino são disso garantes” - *Id., ib.*, p. 132.

⁵⁹ “Multum tamen dignitatem eius et nobilitatem auerent reformata liberalium disciplinarum studia, quando quidem uidemus ignobiles alioque uicos, sola eius rei gratia, in irbeis clarissimas breui crescere, opulescere, nobilitari” - Todavia, a reforma dos estudos das artes liberais muito aumentaria a sua dignidade e a sua nobreza, quando vemos que alguns burgos humildes só por este motivo em breve tempo crescem, enriquecem e se nobilitam até se tornarem nas mais ilustres cidades - *Id., ib.* Cf. *Id., ib.*

fundação de Lisboa por Ulisses⁶⁰, todavia, o humanista da *Descrição de Lisboa* prefere, contra Loureço Valla, aderir à interpretação segundo a qual Estrabão se refere à capital portuguesa ao falar de Ulisseia e dos despojos deixados pelo navegador de Ítaca no templo de Minerva⁶¹. E, voltando a citar o patricio humanista, reforça os seus argumentos etimológicos⁶².

Em 1572, Diogo Mendes de Vasconcelos, ao referir-se a Lisboa, entre as cidades por onde passa desde a sua *Partida de Évora*, evoca no seu poema as “muralhas de altivas cristas/do errante Ulisses, émulas da Roma das sete/colinas e rivais da velha Tebas do Nilo”⁶³.

No mesmo ano, *Os Lusíadas* não hesitam em perfilhar o mito ulisseico como fundamento da nobreza da que o poeta considera com facilidade a *princesa* do mundo renascentista⁶⁴. O “facundo Ulisses”⁶⁵, o “sábio Grego”⁶⁶ por antonomásia, é também no

⁶⁰ “Olisiponem igitur quis primus condiderit, quam tamen in tanta seculorum uetustate pro certo affirmare non audemus, quam tamen inter antiquissimas Hispaniae urbes ennumerandum esse, uetustissimi quique scriptores testantur” - Quem terá sido o primeiro fundador de Lisboa, a tantos séculos de distância, é o que não nos atrevemos a afirmar como certo. Todavia, os escritores mais antigos incluem-na entre as mais antigas cidades de Hispânia - Damião de Góis, *Vrbis Olisiponis Descriptio per Damianum Goem Equitem Lusitanum*, Évora, 1554, reed. de Raul Machado, Lisboa, 1937, p. 24.

⁶¹ “Strabo uero Ulysseam et ab Vlysse conditam esse, ex uerbis Asclepiadis Myrliani uidetur asserere. Is enim Myrlianius in Turditania ludo litterario praefuit, atque de gentibus ipsius regionis librum conscripsit, prodiditque etiam Olisipone in templo Mineruae, fragmenta quaedam suspensa tunc exstare, uidelicet parmas, aplustra, nauiumque rostra Vlyssis errores indicantia.

Ex quo sane loco non satis liquere arbitrantur quidam Olisiponem ab Vlysse conditam esse. Nobis tamen uiri testimonia adhaerere placebit potius, quam illorum dicta comprobare, qui id nullo certo argumento cauillare conantur. Praesertim cum Solinus uir apprime doctus ipsius Strabonis sententiam sit sequutus. Noster quoque Andreas Resendus uir doctorum omium iudicio et calculo comprobatus, id multis in locis scriptorum suorum et imitatur et confirmat” (Na verdade, Estrabão chama-lhe *Ulysseam* e parece atestar, a partir das palavras de Asclepiades Mirliano, que ela foi fundada por Ulisses. Este Mirliano presidiu na Turdetânea a uns jogos florais e escreveu um livro sobre os povos desta mesma região e também diz que em Lisboa se encontravam então dependurados no templo de Minerva alguns objectos, isto é, escudos, festões e esporões de navios que ilustravam as viagens de Ulisses. E verdade que alguns julgam que deste passo não se segue necessariamente que Lisboa tivesse sido fundada por Ulisses. A nós, porém, agrada-nos mais aderir ao testemunho de tão ilustre varão do que secundar as afirmações dos que, sem qualquer argumento certo, tentam escarnecer disso. Principalmente, quando Solino, homem excepcionalmente culto, segue a opinião do mesmo Estrabão. Também o nosso André de Resende, homem comprovado no juízo e apreciação de todas as pessoas cultas, o confirma e atesta em muitos passos de seus escritos - *Id., ib.*, p. 25).

⁶² Cf. *Id., ib.*

⁶³ Diogo Mendes de Vasconcelos, “De suo ex Eborā discessu”, vv 195-197, in José Galdes Freire, *Obra Poética de Diogo Mendes de Vasconcelos*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1962, p. 100.

⁶⁴ “E tu, nobre Lisboa, que no mundo / Facilmente das outras és princesa / Que edificada foste do facundo / Por cujo engano foi Dardânia acesa” (*Os Lusíadas*, III, 57: 1-4).

⁶⁵ *Os Lus.*, II, 45:1.

⁶⁶ *Os Lus.*, I, 3:1.

poema camoniano, o “perdido Ítaco em Alcino”⁶⁷, o “que escapou / De ser na Ogígia ilha eterno escravo”⁶⁸, representando um contraste de papéis civilizacionais: o guerreiro, na Ásia Menor (“lá na Ásia Tróia insigne abraça”⁶⁹) e o fundador de “Lisboa ingente”⁷⁰, a “cidade Ulisseia”⁷¹, a “inclita Ulisseia”⁷², os “muros Ulisseus”⁷³, na Europa. A contra- imagem do herói grego, também lugar-comum da Antiguidade, é, todavia, assinalada a propósito do conflito que o opôs a Ajax, na herança das armas de Aquiles: “Dão os prémios, de Aiace merecidas, / Á língua vã de Ulisses fraudulenta”⁷⁴.

Em 1596, Diogo Pires, no canto fúnebre a D. Sebastião e à derrota de Alcácer-Quibir, invoca, no exílio, a cidade fundada por Ulisses, interpelando-a, enquanto pátria, como “morada dos deuses”, exemplo reiterado de resistência ao domínio filipino⁷⁵. No “Epitáfio de João, Rei de Portugal”, o Poeta lamenta de novo tal perda nacional, dizendo que “os paços de Ulisses” não teriam vertido lágrimas se “ao magnânimo Sebastião tivessem agradado os reinos que lhe pertenciam”⁷⁶.

Em 1597, a *Monarquia Lusitana*, de Frei Bernardo de Brito, explana consideravelmente o mito ulisseico, pondo o maior empenho do “astuto” e “facundo” navegador de Ítaca na fundação e engrandecimento da cidade que fundava⁷⁷. O próprio rei Górgoris, dos Lusitanos, colabora com o estrangeiro, dando-lhe a filha em casamento. Só a carta de Penélope, já aludida na versão castelhana da *Crónica Geral de Espanha*, obriga o “Capitão Ulisses” a “deixar a quietação de terras estranhas por ir gozar de quem tão

⁶⁷ *Os Lus.*, II, 82:4.

⁶⁸ *Os Lus.*, II, 45:1-2.

⁶⁹ *Os Lus.*, VIII, 5:3.

⁷⁰ *Os Lus.*, VIII, 5:4.

⁷¹ *Os Lus.*, III, 74:8.

⁷² *Os Lus.*, IV, 84:1.

⁷³ *Os Lus.*, III, 58:8.

⁷⁴ *Os Lus.*, X, 24:3-4.

⁷⁵ “O patria, o diuum sedes, quam fortis Vlixes / condidit occidui litus ad Oceani: / tu ne iugum Hispanum et dominos dignabere Belgas? / Impleor lacrimas; claudit it et ora dolor” (Ó pátria, ó morada de deuses, que o valoroso Ulisses / fundou junto às praias do oceano ocidental: / acaso aceitaste tu o jugo espanhol e o domínio belga? - in Carlos Ascenso André, *Um Judeu no Desterro. Diogo Pires e a memória de Portugal*, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, INIC, 1992, p. 153.

⁷⁶ “[...] contra / si sua magnanimo placuissent regna Sebasto, / staret honos neque regia fleret Vlixix” (mas, pelo contrário, se ao magnânimo Sebastião tivessem agradado os reinos que lhe pertenciam, / ter-se-ia mantido firme a honra de Luso e não verteriam lágrimas os paços de Ulisses - *Id., ib.*, p. 135.

⁷⁷ “Foy grande o contentamento que Ulysses teve desta povoação, que esquecida a felicidade e quietação do seu Reyno, punha todas suas forças em prosperar e engrandecer o que de novo fundava, e refazendo as embarcações destroçadas, se ocupavam em pescar no Tejo a variedade de grandes e sabrosos peixes, que em si cria, de tal modo que, quanto mais estavam em terra, tanto menos causas se achavam para lembrar da sua” (Frei Bernardo de Brito, *Monarquia Lusitana*, 1597, reimp. Lisboa, IN-CM, 1973).

pouca tinha em sua ausência”⁷⁸. O elogio da “insigne cidade”, “uma das mais ricas e nobres de toda a Europa”, termina a narração fundacional de Lisboa na crónica que tem sido sistematicamente vilipendiada, tanto por historiadores como por críticos literários.

Se no século XVI o mito ulisseico encontra considerável eco entre os humanistas portugueses, é em Gabriel Pereira de Castro e António de Sousa Macedo, já no século XVII, que tal mito encontra o espaço de tema central nas respectivas epopeias, como expressão de uma literatura autonomista em face do domínio filipino. Bebidas na fonte homérica, tais epopeias combinam naturalmente as influências virgilianas com as camonianas, num estilo mais tardorenascentista do que propriamente barroco.

A *Ulyssêa ou Lisboa Edificada*, em dez cantos, publicada postumamente em 1636, apesar da invocação a Filipe IV⁷⁹, desde a proposição⁸⁰ à exaltação dos heróis nacionais⁸¹, manifesta um evidente propósito nacionalista. O *cléos* do herói grego e seus descendentes, de acordo com as profecias de Júpiter⁸², de Proteu⁸³, de Hércules⁸⁴ e de Circe⁸⁵ ilustrará a cidade por ele fundada, de Ocidente a Oriente: “Por este Capitaõ, por esta gente/A eterna Ley do immobil Fado ordena/Se funde huma Cidade, onde a corrente/Do Têjo se dilata mais amena:/ A quem o Gange, e o Indo do Oriente/As leys virão pedir, e paz serena,/ Fazendo obedecer-se a grão Lisboa/Do tardio Boote á tocha Eoa”⁸⁶; “Aqui neste lugar os nobres muros/Levantará com gloria, a que tremendo/Todo o Oriente em seculos futuros/Inclinará a cerviz obedecendo:/Quando ao mundo nascerem aquelles puros / Espiritos, que o

⁷⁸ *Id., ib.*

⁷⁹ “Vós Alcides Hespério, a quem não cansa/Vencer monstros do Polo congelado” (Gabriel Pereira de Castro, *Ulyssêa ou Lisboa Edificada*, poema heroico, 4ª ed., Lisboa, Typographia Rollandiana, 1826, I, 5:1.

⁸⁰ “As armas, e o Varão, que os mal seguros/Campos cortou do Egeo, /e do Oceano./Que por perigos e trabalhos duros/Eternizou seu nome soberano:/A grão Lisboa, e seus primeiros muros,/ (De Europa, e largo Imperio Lusitano./Alta cabeça) se eu pudesse tanto,/A’ Patria, ao Mundo, á Eternidade canto” I, 1.

⁸¹ Cf. IV, 83-113; VII, 70- 111.

⁸² Cf. I, 24-27.

⁸³ “Estes trabalhos teus Protheo cantava/Nos seculos passados, e dizia,/Que hum Grego nestes mares se esperava,/De que o grande Neptuno tremeria:/Que donde o Tejo ameno os campos lava,/ Com gente de estremada valentia/De Atlante humilharia a altiva fronte,/Bebendo o Nilo em sua propria fonte” - V, 59.

⁸⁴ “Agora alcanço, ó Grego venturoso,/Que tu és o que em annos florecentes Cingirás o cabelo victorioso/ Dos invejados ramos eminentes:/A Lisboa erguerás muro famoso,/A quem beijando os pés com suas correntes/Lhc off recerá o Tejo cristaes puros/Para famoso espelho de seus muros” V, 58

⁸⁵ Cf. III, 124-126.

⁸⁶ I, 26. “E pois o Fado assim o determina, /Quero, sagrados Deoses./Que o facundo Ulysses veja as partes, donde inclina/Seu aureo coche o Sol ao mar profundo:/Levante huma Cidade peregrina,/Cabeça alta do mundo,/Que occupe com eterna monarchia/Té os horizontes últimos do dia”, I, 27.

Elysio está detendo, / Até que o tempo vagaroso, e lento / Traga o dia a seu claro nascimento”⁸⁷.

Entre estes descendentes, porém, D. Sebastião, apesar de “forte e temido”, merecerá o vitupério de entrar “arrogante / E em suas grandes forças atrevido” querer “pizar a cerviz do velho Atlante” e, apesar de “Novo filho do Sol”, trazer a “ruína / N’ um Rey, que he moço, / e só se determina”⁸⁸, pois, apesar de seu “forte peito”, “Grandes cousas se vêm co’ a fantasia”⁸⁹, provocando “saudoso pranto, e magoas” “á Lusitana gente”⁹⁰. De resto, como n’ *Os Lusíadas*, desfila o canto dos heróis lusos, como o “graõ Pacheco”⁹¹, “Castro venturoso / Em quem de Alcides o valor se encerra”⁹², Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque, D. Francisco e D. Lourenço de Almeida, Nuno da Cunha, Heitor da Silveira, Garcia de Noronha, Martim Afonso de Sousa...

No entanto, “A Gorgoris Megera o peito inflamma, / Guerra com tuba horri-sona apregoa”⁹³. Com ciúme de Calipso, filha do rei lusitano Górgoris, dada em casamento a Ulisses, Circe reclama de Tisífone contra “o ingrato pensamento” “o duro castigo que merece”⁹⁴. Despeitado contra o sucesso do “sagaz Ulysses”, que “o enganara / Para levantar com manha, e ousadia / O muro onde se acolhe e se repara”⁹⁵, declara-lhe guerra⁹⁶. A favor do Grego, Juno intervém no Olimpo junto de Júpiter⁹⁷. Palas encomenda as armas a Vulcano, cujo escudo é descrito, como na *écphrasis* homérica de Aquiles ou virgiliana de Eneias, nele sobressaindo as

⁸⁷ III, 125. “Daraõ á graõ Lisboa descendentes, / Que dilatam co’ a vida o novo imperio / Até as casas do Sol, e nas ardentes Arcas, ou Asia escrevaõ o nome Hesperio: / Affrontáraõ com animos valentes / O frio, e ardentissimo hemisferio, / Ficando o mundo todo campo estreito / A hum Reyno só de mil Imperios feito” - III, 126.

⁸⁸ IV, 105.

⁸⁹ IV, 106.

⁹⁰ “Que saudoso pranto, e magoas vejo / Dizer sem fructo á Lusitana gente, / Quando chorar com dôr, e amor sobejo / Sua morte, e sua ruina juntamente: / Que exequias lhe farás saudoso Tejo, / Vendo crescer c’o pranto a tua corrente, / Quando os funebres tumulos, e altares / Com tuas ondas turbadas visitares” - IV, 108.

⁹¹ VII, 87:7 - Duarte Pacheco Pereira.

⁹² VII, 1-2.

⁹³ VIII (Argumento).

⁹⁴ VIII, 4: 6.7.

⁹⁵ VIII, 20: 2-4.

⁹⁶ “Ao campo soa armado o bellicoso / Gorgoris, a quem segue a Lusa gente, / Rios de sangue fêvrido, e espumoso / De frios peitos tira a espada ardente; Vendo Ulysses o imigo victorioso, / Nos muros se recolhe, e juntamente / Gorgoris quer entrar, a gente crece, / Com que a guerra nas portas se embravece” - Argumento do Canto IX.

⁹⁷ Cf. X, 27-30.

figuras de D. Afonso Henriques⁹⁸ e D. Nun' Álvares Pereira⁹⁹.

Após a morte de Górgoris¹⁰⁰, depois do seu pranto fúnebre¹⁰¹, Ulisses termina o templo a Palas¹⁰² e, porque lhe apertam as saudades da pátria, deixa Lisboa¹⁰³, a nova mulher, Calipso, que, como Dido na *Eneida*, se suicida, com um dos seus três filhos¹⁰⁴.

Em catorze cantos, o poema heróico *Ulyssipo*, de António de Sousa de Macedo, publicado em 1640, ano que havia de terminar com a restauração da monarquia lusitana, através da promoção da dinastia de Bragança, também manifesta igual propósito nacionalista, desde logo, com a dedicatória do poema a Santo António, “de Lisboa luz, de Italia gloria”¹⁰⁵, a quem se invoca novamente no final do poema¹⁰⁶.

Chegado logo no fim do canto I ao Tejo, o varão “q por fatal governo / De Grecia a Lusitania peregrino / F dou illustre muro”¹⁰⁷, depois de notar “do sitio o clima, os verdes prados, / E quanto a terra fertil produzia”¹⁰⁸, por influência da Fú-

⁹⁸ “No mais alto do escudo tomada / Lisboa estava, aos seculos futuros / Dando leys, sobre as margens assentada / Do Tejo, que a rodea em cristaes, puros, / Onde na vea clara, e socegado / Forma immortal traslado de seus muros, / E em cujos campos pasce o verde feno / O cavallo do perfido Agareno” - X, 48. “Logo estava em figuras relevados / O grande Affonso, em quem o Ceo encerra / O valor grande, as forças estremados, / Com que prosigue a sanguinosa guerra, / Que com fortes esquadras ordenados / Vem conquistar a Lusitana terra, / Dando por preço o sangue, que derrama, / Para estender a vida pela fama” - X, 49.

⁹⁹ Via-se n' outra parte debuxada / Com singular affecto da escultura, / Affrontando a Lisboa a grande armada, / Prenhe de armas, de fogo, e guerra dura, / Aonde os muros seus com maõ armada/ A Castelhana gente entrar procura, / E Dom Nuno Alvares só, forte, e constante / Resiste a tudo, a tudo está diante” — X, 53.

¹⁰⁰ “Gorgoris maal ferido está banhando / Com espumoso sangue a terra fria / [...] / Astrea, que co' a morte o vê lutando” (X, 78: 1-2. 5).

¹⁰¹ Cf. X, 90-98.

¹⁰² A Ulisses o mensageiro do Olimpo “Diz-lhe como partia, se deixava / Por acabar a obra illustre e rara/ Do graõ templo, que a Pallas fabricava, / Que os muros de Lisboa sempre honrãra: /Que a vingativa Deosa se enojava, / E que, em quanto a partir-se prepara, / Acabe o templo, disse, e n' um momento / Nas leves azas se escondeo do vento” - X, 133. “A' luz, que peelos ares resplandece, / Os joelhos por terra o Grego inclina, / O templo illustre por momentos crece, / Que acabado co' as nuvens se termina: / Já nelle sacrificios offerece, / Por melhor aplacar Pallas divina;/ Allí pendura as armas, cuja liga / Foi de Vulcano altissima fadiga” - X, 134.

¹⁰³ “Do templo sae, e solta ao vento o panno / Da negra antena, deixa a alta Lisboa, / Onde nasce do Imperio Lusitano / De tantos Reynos a immortal Coroa: / Cortando os largos campos do Ocidente/ No leve pinho, pelas ondas voa, / Deixando edificada a graõ Cidade / Emula ao Tempo e á mesma Eternidade” - X, 135.

¹⁰⁴ “Hum dos filhos, que leva, lhe tomãraõ / Com dous cahio do precipicio horrendo, / Que no fundo do pego, onde parãraõ, / Se vaõ em duras pedras convertendo: / Já de penedos firmes levantãraõ / A negra fonte, donde o mar batendo / Sobre o rolo das ondas, que quebranta, / Espumoso nos ares se levanta” - X, 129.

¹⁰⁵ António de Sousa de Macedo, *Ulyssipo, poema heroico*, 2ª ed. Lisboa, Typographia Rollandiana, 1848, I, 3.

¹⁰⁶ “Ó grande Antonio, claro por nobreza, / Famoso em letras, raro em santidade, / Gloria maior, da gloria Portuguesa, / Insigne filho da Ulyssêa Cidade” (XIV, 80: 1-4).

¹⁰⁷ I, 1.

¹⁰⁸ Argumento do C. III.

ria Alecto, terá de enfrentar Górgoris, rei da Lusitânia, nos cantos IV e V, guerra que que culminará nos cantos VII e VIII, com o duelo entre os respectivos chefes contendores. A paz, impelida pelo maravilhoso (“Misteriosa nuvem os obriga / A tornar o furor em paz amiga”¹⁰⁹) proporciona a Ulisses desposar Calipso, a bela filha de Górgoris, em detrimento do rival Polémion¹¹⁰. As glórias portuguesas são profetizadas quer pela Sibila Cassandra¹¹¹ quer pelo centauro Quíron¹¹². Depois de vencer Polémion em duelo corpo a corpo, o “sabio peregrino” ergue as muralhas de Lisboa, bem como o templo a Minerva, até ao momento em que a carta de Penélope apressa o seu regresso a Ítaca¹¹³.

No século XIX, a história do *nóstos* de Ulisses, “o mais subtil dos homens”, é primorosamente sintetizada no conto queirosiano “A Perfeição”, título que caracteriza a ilha de Calipso, à qual o herói grego renuncia, denunciando:

“- Oh deusa, o irreparável e supremo mal está na tua perfeição!

E, através da vaga, fugiu, trepou sôfregamente à jangada, soltou a vela, fendeu o mar, partiu para os trabalhos, para as tormentas, para as misérias - para a delícia das coisas imperfeitas!¹¹⁴”.

Na poesia do século XX, é recorrente a temática ulisseica, de Fernando Pessoa a Manuel Alegre.

“Ulisses” é o título do poema que, na *Mensagem* de Fernando Pessoa, expressa a noção de mito (“O mytho é o nada que é tudo”)¹¹⁵, concretizada na tradição fundacional de Lisboa pelo herói de Ítaca, que Ricardo Reis também evoca¹¹⁶.

¹⁰⁹ Argumento do C. VIII: 7-8.

¹¹⁰ “Em vão intenta Polymion amante / Alcançar a Calipso por esposa; / Pois vendeo em ancias tristes mais cõstãtamente / Finalmente o despede rigurosa. / Ulysses a fortuna triunfante / Com a bella Princesa se desposou; / Que ignorando que Amor a persuade / Rende ao jugo de Amor a liberdade” (Argumento do C. IX).

¹¹¹ Cf. C. XI.

¹¹² “Mostra Chiròn em cova prodigiosa / Illustre templo consagrado à fama; / Resistencia atropellam misteriosa / Os claros herois, que a virtude chama. / Declara o sabio a Serie valerosa / Dos Lusitanos que a memoria aclama / Em profecia: com que incita os peitos / Virtuosa ambição de grandes feitos” (Argumento do C. XII).

¹¹³ “Alcança Ulysses de alta profecia, / Quem regerá Lisboa em outra idade: / Na grandeza, & edificios que teria, / Lhe representa hum quadro à grã Cidade: / A Polymion, que a Ulysses desafia, / Mata da Parca dura a crueldade; / Levanta o Grego os muros; nome eterno / Lhes dà do fado superior governo” (Argumento do C. XIV).

¹¹⁴ Eça de Queiroz, “A Perfeição”, in *Contos*, 8ª ed., Lisboa, Edição “Livros do Brasil”, p. 244.

¹¹⁵ “O mytho é o nada que é tudo. / O mesmo sol que abre os céus / É um myto brilhante e mudo - / O corpo morto de Deus, / Vivo e desnudo. // Este, que aqui aportou, / Foi por não ser existindo, / Sem existir nos bastou, / Por não ter vindo foi vindo / E nos creou. // Assim a lenda se escorre / A entrar na realidade, / E a fecundal-a decorre. / Em baixo, a vida metade / De nada, morre”.

¹¹⁶ “[...] e tu, que Ulisses erigira, / Tu, em teus sete montes, / Orgulha-te materna, / Igual, desde ele, às sete

Em “Penélope”, de Miguel Torga, “Ulisses desterrado” interpela a esposa fiel a não desesperar, ao “Tecer e destecer a teia da saudade”, esperando o regresso do amado, sendo “divina, de verdade aí, / Nessa ilha de esperança”, tornando “bonito / O mito de minhas aventuras”¹¹⁷.

Sophia de Mello Breyner Andresen, ao evocar Fernando Pessoa na ilha de Hydra, invoca outro “Odysseus”, na ambiguidade do nome “Persona”, pois como o primeiro, “de ilha em ilha todo te percorreste / Desde a praia onde se erguia uma palmeira chamada Nausikaa / Até as rochas negras onde reina o cantar estridente das sereias”¹¹⁸, não deixando de resistir à sedução da imortalidade, acedendo ao chamamento do regresso¹¹⁹. A figura tutelar do “rei de Ítaca” também serve de modelo à união civilizacional entre o “pensamento” e a mão”, entre o trabalho intelectual e o manual¹²⁰.

A paisagem da ilha de Corfu evoca, para Eugénio de Andrade, a ilha mítica dos Feaces, “Onde Ulisses avistou Nausica”¹²¹, simbolicamente associada a uma palmeira de Marraquexe¹²², enquanto a ilha de Delos serve de elemento de comparação para representar a beleza do dia do encontro amoroso¹²³.

O par Ulisses-Nausícaa também seduziu David Mourão-Ferreira, na relativização das vitórias militares do herói perante a pujança juvenil da filha de Alcínoo¹²⁴.

Poeta do exílio, Manuel Alegre identifica-se com o herói regressado a Ítaca, nostálgico dos “cheiros” e da “música” da sua casa, confrontado com as mudanças

que contendem / Cidades por Homero, ou alcaica Lesbos, / Ou heptápila Tebas, / Ogígia mãe de Píndaro”.

¹¹⁷ *Diário X*, 1ª ed., p. 54.

¹¹⁸ Sophia de Mello Breyner Andresen, “Em Hydra, evocando Fernando Pessoa”, in *Obra Poética III*, 4ª ed., Lisboa Ed. Caminho, 1999, p. 144.

¹¹⁹ “Odysseus / Mesmo que me prometas a imortalidade voltarei para casa / Onde estão as coisas que plantei e fiz crescer / Onde estão as paredes que pintei de branco” (*Ib.*, p. 145).

¹²⁰ “A civilização em que estamos é tão errada que/ Nela o pensamento se desligou da mão / Ulisses rei de Ítaca carpinteiou seu barco / E gabava-se também de saber conduzir / Num campo a direito o sulco do arado” (“O Rei de Ítaca”, in *ib.*, p. 209).

¹²¹ Eugénio de Andrade, “Turismo em Corfu”, in *Escrita da Terra*, p. 68.

¹²² Chegaram tarde à minha vida / as palmeiras. Em Marraquexe vi uma / que Ulisses teria comparado / a Nausícaa” (“A palmeira jovem”, in *Rente ao Dizer*).

¹²³ “Como a palmeira jovem / que Ulisses viu em Delos, assim / esbelto era o dia / em que te encontrei; / assim esbelta era a noite / em que te despi, / e como um potro na planície nua / em ti entrei” (“Liláceas em Corfu”, in *Ib.*, p. 69).

¹²⁴ “Não tinha sido fábula a saudade / de estar ao pé de mim sem estar contigo: / vejo-te agora em agua, areia, carne, / e és o vulto no sonho presentido! // Cheiro de rocha a que não chega ao mar, / por mais que o mar invente marés vivas... / Reconheço-te, ó palma tão sem par: / és a graça da terra ao céu erguida. / Pisas, ao caminhar, o próprio vento, / que se embuçou no manto de uma duna... / Desfazes sob os pés os grãos do tempo, / por do Tempo não teres noção nenhuma... / De que me serve ter vencido sempre, / se me vence a tua juventude?” (“Ulisses a Nausícaa”, in *Infinito Pessoal, A Arte de Amar*, p. 225).

nela operadas, sentindo-se agora nela como um “estrangeiro”, apesar do reconhecimento de “fiel porquero”, sendo “sem remédio” o seu “exílio”¹²⁵. O paralelismo poeta-Ulisses é levado quase até a exaustão, com a única diferença da exclusividade do canto homérico reservada ao herói grego: a busca da pátria e de Penélope; a provação de “mil perigos”, o canto sedutor da sereia; o ardil têxtil de Penélope “um tempo ideia”; o arco de Ulisses contra os pretendentes¹²⁶.

Conclusão

Mitos fundadores da Ibéria e de Lisboa, na tradição poética portuguesa, Hércules e Ulisses acompanham, com maior ou menor fidelidade, o percurso de uma literatura em busca da matriz da identidade cultural do povo que a vai construindo ao longo dos tempos.

Hércules e Ulisses não apenas heróis gregos, mas mediterrânicos, em geral, e ibéricos, em particular, contribuindo de modo decisivo para a afirmação de um modo de ser peculiar, forjado na errância e na demanda aventurosa de um objectivo colectivo, implicando as provas de uma resistência exemplar, de uma luta sem tréguas pela libertação e pela conquista da felicidade.

¹²⁵ “Conheces a casa pelos cheiros e os ruídos / As sombras na parede a certas horas / Uma jarra de rosas sobre a mesa / E a primavera no quintal com seu perfume / De terra e musgo e buxo e flores de limociro / Conheces a casa até por sua música / Que é um branco silêncio povoado / Por móveis e tapetes ecos vozes / Este devia ser o teu lugar sagrado / Aquela Ítaca secreta em que pensavas // Quando buscavas um caminho ou um destino // Mas eis que chegas e algo está mudado / É certo que na vila os velhos te reconheceram / Como a Ulisses o fiel porquero / Porém na casa algo está diferente / O teu próprio retrato te parece um outro / E mais do que nunca sentes-te estrangeiro // Por isso o teu exílio é sem remédio” (“Regresso a Ítaca”, in *Chegar Aqui*, p.51).

¹²⁶ “Como Ulisses te busco e desespero/como Ulisses confio e desconfio/e como para o mar se vai um rio/para ti vou. Só não me canta Homero./Mas como Ulisses passo mil perigos/escuto a sereia e a custo me sustenho/e embora tenha tudo nada tenho/que em te não tendo tudo são castigos./Só não me canta Homero. Mas como Ulisses vou com meu canto como um/barco ouvindo o teu chamar - Pátria/Sereia Penélope que não te rendes - tu/que esperas a tecer um tempo ideia/que de novo o teu povo empunhe o arco/como Ulisses por ti nesta odissesia” (*Id., ib.*).